

SIMULACRO MULTIMODAL E SEMIOSE VISUAL

Por **Maria Nazareth de Lima Arrais**, tradução do original de Trudel, Eric. *Simulacremultimodal et sémosis visuelle* in *Asel* : vol. 27, nº 2, 2022

Resumo O artigo trata da problemática do imaginário mental na interpretação dos significados icônicos. Trata-se de interrogar, para o enunciado icônico, a hipótese de François Rastier, segundo a qual «[...]as imagens mentais são restritas (mas não inteiramente determinadas) pelos significados [no contexto]» (1991, p. 242), entendendo-se que, na sistemática rasteriana, o significado, que pertence à esfera semiótica, distingue-se do conceito que se origina da esfera cognitiva. Mais precisamente, trata-se de transpor, para a semiose visual, o conceito de simulacro multimodal, proposto por Rastier (1991), tipo de conteúdo eidético que seria gerado ou pelo menos solicitado pela estrutura semântica da mensagem. Nessa hipótese, a interpretação do signo icônico suscitaria, cognitivamente, apresentações que associam, potencialmente, diferentes modalidades sensoriais representadas e eventualmente características abstratas. A transposição conceitual que propõe o presente artigo integra, nas proposições rasterianas, os resultados do trabalho da psicologia cognitiva sobre a imagem mental.

Palavras-chave: simulacro multimodal, semiose visual, interpretação, imagem mental, significado icônico, semântica interpretativa, psicologia cognitiva,

Abstract. The article addresses the problem of mental imagery in the interpretation of iconic signifieds. It consists in questioning, for the iconic sign, François Rastier's hypothesis according to which "[...] mental images are constrained (but not entirely determined) by the signifieds [in context]" (RASTIER, 1991, p. 242), it being understood that, in Rastier's systematics, the signified, which belongs to the semiotic sphere, is distinguished from the concept, which belongs to the cognitive sphere. More precisely, it is a matter of transposing to visual semiosis the concept of multimodal simulacrum proposed by RASTIER (1991), a kind of eidetic content that would be generated or at least solicited by the semantic structure of the message. In this hypothesis, the interpretation of the iconic sign would cognitively elicit presentations potentially associating different represented sensory modalities and possibly abstract features. The conceptual transposition proposed in this article integrates the results of cognitive psychology work on mental imagery to the Rastierean proposals.

Keywords: multimodal simulacrum, visual semiosis, interpretation, mental image, iconic signifieds, interpretive semantics, cognitive psychology

Résumé. L'article traite de la problématique de l'imagerie mentale lors de l'interprétation des signifiés iconiques. Il s'agit d'interroger, pour l'énoncé iconique, l'hypothèse de François Rastier selon laquelle «[...] les images mentales sont contraintes (mais non entièrement déterminées) par les signifiés [en contexte]» (RASTIER, 1991, p. 242), étant entendu que, dans la systématic rasterienne, le signifié, qui appartient à la sphère sémiotique, se distingue

du concept, qui relève de la sphère cognitive. Plus exactement, il s'agit de transposer à la sémiosis visuelle le concept de simulacre multimodal proposé par RASTIER (1991), sorte de contenu eidétique qui serait généré ou du moins sollicité par la structure sémantique du message. Dans cette hypothèse, l'interprétation du signe iconique susciterait cognitivement des présentations associant potentiellement différentes modalités sensorielles représentées et éventuellement des traits abstraits. La transposition conceptuelle que propose le présent article intègre aux propositions rastiériennes les résultats des travaux de la psychologie cognitive sur l'imagerie mentale.

Mots-clés: simulacre multimodal, sémiosis visuelle, interprétation, image mentale, signifié iconique, sémantique interprétative, psychologie cognitive

1. Introdução

Este artigo propõe explorar a problemática da elaboração da imagem mental durante a interpretação do significado icônico, mais precisamente, o que acontece cognitivamente «na mente» do intérprete da imagem figurativa, seja de um desenho, de uma pintura, de uma fotografia? O objetivo centra-se no conceito psicológico de *simulacro multimodal* formulado por François Rastier no quadro de uma semântica linguística, para aplicá-lo ao domínio da interpretação de imagens figurativas. A primeira parte do estudo apresenta o conceito de simulacro multimodal dentro da sistemática da semântica interpretativa. A segunda parte aponta algumas pistas de enriquecimento do conceito, transpondo-o para o processo da semiótica do signo icônico.

O trabalho da psicologia cognitiva sobre a imagem mental, incluindo os de Michel Denis, permitem sustentar esta transposição conceitual.

2. O simulacro multimodal na semântica interpretativa de Rastier : as três esferas (física, semiótica e cognitiva) e a autonomia da semiótica

Antes de considerar o conceito de simulacro multimodal, cabe lembrar que, na sistemática de RASTIER¹ (1991, 1994, 2001, 2002), qualquer prática social, ou atividade codificada no sentido da divisão do trabalho, como por exemplo, uma atividade profissional, assume a interação entre três esferas também chamadas de mundos ou níveis):

- a esfera física (ou nível feno-físico
- a esfera semiótica (ou nível semiótico, o dos signos e das performances culturais
- A esfera dos processos mentais (ou nível das (re)apresentações);

Dotado de uma autonomia relativa, ou pelo menos analítica, em relação ao mundo físico e ao mundo cognitivo, o mundo semiótico:

1. As três esferas ora o autor chama mundos, ora níveis em : (RASTIER, 2001, p. 228-231 et p. 301) ; (RASTIER, 1994, p. 4-5) ; [RASTIER, 1991, p.237-243] ; [RASTIER, 2002, p. 246-247])

Cumpre, geralmente, uma função mediadora entre os fatores físicos e as representações mentais. Essa função pode estar relacionada à própria estrutura dos signos que, por definição, relacionam dois estratos : da expressão onde tem correlatos privilegiados na esfera física (pelos estímulos) e do conteúdo, na esfera representacional [pelas imagens mentais ou simulacros multimodais (RASTIER, 1991, p. 207-212)]. (RASTIER, 1994, p. 5).

Para Rastier a tripartição esfera física/ esfera semiótica/ esfera cognitiva, e a definição de autonomia relativa da semiótica têm, essencialmente, um âmbito metodológico e disciplinar, nomeadamente por assegurar à semiótica e à linguística seus objetos de estudos próprios:

«Como não formulamos uma hipótese realista sobre os três mundos, adotamos essa ficção conveniente para introduzir uma classificação das disciplinas de acordo com os objetos que elas deixam ver (RASTIER, 1991, p. 244)

Esta é uma condição que permite objetivar e analisar os signos e o sentido. Os signos, objetos da esfera semiótica, estão, no entanto, parcialmente ligados à esfera física pelos estímulos que atualizam o significante: O traçado das letras para o signo linguístico; os traços, as linhas, as cores, etc. para o signo icônico «homem», por exemplo. Mas o significante não é apenas um estímulo físico, mas um *modelo*, ou seja, um tipo cujos constituintes são grafemas no caso do signo linguístico, ou entidades como cabeça, nariz, olhos, etc. no caso do signo icônico “homem” – e isso, na medida em que o significante se torna acessível, manifestado sob a forma de ocorrência pela configuração material particular dos estímulos em um dado contexto (o texto, o quadro).

Esta disposição do significante pelo estímulo confere ao primeiro uma existência semiótica própria e o torna analisável.

Associado solidariamente ao significante e apreendido ao mesmo tempo que ele na produção semiótica, o significado é o sentido do signo. No contexto (isto é, em um texto ou em uma imagem), ele possui, segundo Rastier (1991, p. 103; 1996, p. 24-25), um *conteúdo operativo* que lhe confere uma objetividade semiótica própria e que é determinado por relações diferenciais em ordens diversas:

- entre o significado modelo (definido no sistema de signos) e a significado ocorrido no texto ou na imagem;
- entre significados coocorrentes no contexto (entre os conteúdos das palavras de uma sequência linguística);
- entre as figuras presentes numa mesma imagem); etc.

Essa dinâmica diferencial é concebida na teoria saussureana das dualidades (ver RASTIER, 2015 et 2018; SAUSSURE, 2002; et TRUDEL, 2020). O significante e o significado têm assim uma existência operativa nas produções semióticas, em razão das relações diferenciais e interdefinicionais que mantêm entre si *localmente* dentro do signo: na semióse, conteúdo e

expressão são indissolúvelmente solidários e construídos “consubstancialmente”. Além disso, «[a] semiose não é um simples emparelhamento entre significante e significado tomados isoladamente, pois cada uma das duas faces do signo se define distinguindo-se do signo como um todo: Sa vs [Sa/Sé] e Sé vs [Sa/Sé].»(RASTIER, 2018, p. 10).

A teoria Saussurean das dualidades sustenta que «[cada um[dos termos da dualidade (o significante e o significado)] forma uma dualidade com o todo que a contém».(RASTIER, 2018, p. 102). e a legalidade própria do significante, do significado e do signo são igualmente observados devido a um princípio de contextualidade estendido, em particular nas interações homoplanas entre significantes ou entre significados ($Sa_1 \subset \supset Sa_2 \subset \supset Sa_3$; $Sé_1 \subset \supset Sé_2 \subset \supset Sé_3$), e nas interações heteroplanas entre conteúdo e expressão (por exemplo, no percurso de um Sa_1 para um $Sé_2$ ou de um $Sé_1$ para um Sa_2). Esse caráter diferencial do significante e do significado, que se generaliza, *de fato*, no próprio signo, contribui de alguma forma para a objetividade e a relativa autonomia do mundo semiótico em relação ao mundo físico e ao mundo cognitivo.

3. A restrição do conteúdo operativo sobre o conteúdo eidético

Como sugere Hébert (2021, p. 221), o semiótico, os significantes e os significados são formações cognitivas *em sentido amplo*. É, de fato, o espírito do intérprete que constrói o significante e o significado em uma dada performance semiótica, mesmo porque ele mobiliza modelos alojados na memória, sem os quais a atribuição de uma função semiótica a um signo não poderia ocorrer.

No entanto, de acordo com a semântica de Rastier, é preciso distinguir, cuidadosamente, e, ao menos, principalmente, o nível semiótico e o nível das (re)apresentações. Essa distinção coincide com aquela que é estabelecida entre o conteúdo operacional do significado e seu *conteúdo eidético*; este último correspondente a um conceito, uma imagem mental ou a uma representação. Quanto à semiótica linguística, Rastier afirma que «[se] o significado de uma palavra [...] é definido como um valor, as diferenças que constituem esse valor determinam seu conteúdo operacional [...]. [...] As representações ligadas ao significado de uma lexia constituem seu conteúdo eidético».»(RASTIER, 1991, p. 103)

O exemplo fornecido por Rastier para ilustrar a distinção capital entre significado e conceito é eloquente: o sentido operacional da palavra “branco” na expressão “bengala branca” é o mesmo para “o cego de nascença” e para o vidente (notadamente porque o significado de “branco” se opõe ao de “preto” no discurso), mas no sentido eidético, a imagem mental associada ao “branco” é muito provavelmente bem diferente na mente de um e do outro (RASTIER, 1996, p. 24; HÉBERT, 2010 et 2021, p. 221). Este exemplo vislumbra a relação entre a esfera semiótica e a esfera cognitiva tal como a concebe Rastier. A observação seguinte do semanticista permite precisar essa relação: «O conteúdo operacional *restringe* o conteúdo eidético, sem contudo determiná-lo no sentido pleno».»(RASTIER, 1991, p. 103)

É sob o próprio princípio dessa restrição – princípio ao qual voltaremos mais adiante – que Rastier inscreve o conceito psicológico original de *simulacro multimodal* (RASTIER, 1991, p. 207), que permite refinar o de *imagem mental*, anteriormente adotado na semântica interpretativa (RASTIER, 1989, p. 252), mas ainda assim conservado no sentido amplo para dar conta do simulacro multimodal².

4. Definição do simulacro multimodal na semântica interpretativa

Dans le cadre de l’hypothèse proposée, qui est une généralisation de la proposition précédente, à savoir que «[I]es structures sémantiques d’un message contraignent l’imagerie mentale [...]» (RASTIER, 1991, p. 207), on peut, en synthétisant l’esprit de la sémantique interprétative, définir le simulacre multimodal comme suit: il s’agit d’un événement cognitif suscité par l’interprétation d’un signe et qui, dans la conscience du sujet, prend la forme de présentations associant potentiellement différentes modalités sensorielles représentées, c’est-à-dire non «réelles», soit visuelles, auditives, voire olfactives, haptiques ou gustatives (pour employer sans exclusive la typologie traditionnelle des sensorialités).

No quadro da hipótese proposta, que é uma generalização da proposição anterior, a saber, que “[as] estruturas semânticas de uma mensagem restringem o imaginário mental [...]” (RASTIER, 1991, p. 207), podemos, sintetizando o espírito da semântica interpretativa, definir o simulacro multimodal da seguinte forma: é um evento cognitivo desencadeado pela interpretação de um signo e que, na consciência do sujeito, assume a forma de apresentações associando, potencialmente, diferentes modalidades sensoriais representadas, seja, não «reais», seja visual, auditiva, ou mesmo olfativa, háptica ou gustativa (para usar sem exceção a tipologia tradicional das sensorialidades).

A essas modalidades “imaginárias,” podem ser acrescentadas, segundo Rastier, modalidades culturais, ou seja, dados resultantes da experiência semiótica do sujeito e construídos no contato com livros e obras artísticas (KURTS-WÖSTE, 2017, p.350)³. Embora Rastier rejeite a hipótese da modalidade nos processos cognitivos (RASTIER, 1991, p. 210), ela não a exclui, em virtude até mesmo da possível presença de modalidades culturais dentro do simulacro multimodal, que possam integrar linhas abstratas.

É necessário aqui evocar, novamente, o princípio da restrição da semiótica sobre o cognitivo na produção do simulacro multimodal: para Rastier, são as unidades semânticas em contexto que dariam origem ao evento psicológico, e não o contrário. De fato, o contexto da performance semiótica desempenha um papel dominante na configuração particular das imagens mentais: “assim a imagem mental do peixe na passagem *o canário e o peixe* não é a mesma da passagem *o camarão e o peixe* [...]” (RASTIER, 1991, p. 211). Desse efeito contextual, resultaria uma

2. O conceito de *imagem mental* não permite dar conta de outras modalidades sensoriais a não ser das modalidades visuais e não sensoriais (HÉBERT, 2018, p. 240).

3. Rastier (1991) parece não definir a noção de modalidade cultural, mas se refere a um sibilino § 4 (p. 207).

impressão referencial, um “simulacro multimodal de caráter perceptivo” (RASTIER, 1991, p. 211) que dá um “efeito real” (RASTIER, 2011, p. 169) ao sentido interpretado e “[...] que constitui uma objetividade para o sujeito” (RASTIER, 1994, p. 19).

Na semântica interpretativa, tem precedência o sentido, a direcionalidade dessa restrição do fato semiótico sobre o evento cognitivo. Rastier (1991, p. 210) prevê, no entanto, a possibilidade de um comentário (portanto, posterior) do simulacro sobre a interpretação dos conteúdos semânticos, mas essa relação é realizada em segundo lugar e de forma secundária no processo de acordo com Missire (2001). Inspiradas neste último autor, as presentes propostas de ampliação do conceito de simulacro multimodal para a interpretação do signo icônico vão considerar uma *hierarquia* entre as duas ordens de realidade, ao invés de uma hierarquia ou uma sequencialidade que vai do semiótico ao cognitivo, possivelmente seguida pelo *comentário* do segundo sobre o primeiro. Segue-se que o simulacro multimodal envolvido na semiose da imagem figurativa pode servir de base, de termo intermediário na constituição do conteúdo semântico do signo icônico, que relativiza a autonomia e a precedência da esfera semiótica.

5. Redução do simulacro multimodal durante a interpretação do signo icônico

5.1. Transferibilidade do conceito

Nesta segunda parte do artigo, tratar-se-á de propor algumas formas de enriquecimento do conceito de simulacro multimodal, transpondo-o para a interpretação do enunciado icônico, em particular artístico. Na linguística como na semiótica geral, poucos trabalhos, além dos de D’Hébert (2001 e 2021), têm se dedicado ao estudo da constituição de simulacros multimodais, pelo menos segundo o nosso conhecimento e de acordo com informações comunicadas, pessoalmente, por Rastier ao autor deste artigo. Trata-se de uma experiência cognitiva que deve ser detalhada. Levando-se em conta seu caráter semiótico, e não apenas sua dimensão psicológica, consideraremos as seguintes propostas como essencialmente exploratórias, permanecendo o problema em aberto e mal definido, a nosso ver. Embora o conceito tenha sido originalmente desenvolvido em uma semântica linguística, nada impede sua aplicação à semiose de enunciados visuais.

Após apresentar um esquema que ilustra as relações entre os simulacros multimodais e o sistema semiótico, Rastier (1991, p. 210) especifica que este “[...] inclui, é claro, o subsistema semântico próprio da linguagem, mas também os subsistemas de outros sistemas de signos.” Essa preciosa indicação autoriza a extensão conceitual aqui empreendida. Essa transposição foi possível porque a psicologia cognitiva estabeleceu uma forte relação funcional e estrutural entre a imagem mental e a percepção, bem como entre seus respectivos objetos (DENIS, 1989 e 2003a). No entanto, é óbvio que a interpretação dos signos visuais depende, fortemente, do processamento de percepções que são semiotizadas em figuras, particularmente nas performances icônicas.

5.2. Um exemplo de simulacro multimodal em semiose icônica

À guisa de introdução ao assunto, vamos começar com esta observação de Lupien:

Se nossas percepções sensoriais externas e internas alimentam e modificam constantemente nossas imagens e nossas representações mentais, as imagens da arte possibilitam viver experiências perceptivas que envolvem o sujeito que as percebe em uma *experiência afetiva e intelectual inédita*. (LUPIEN, 1997, p. 259; grifo nosso)

Podemos supor que esta “experiência afetiva e intelectual inédita” corresponda ao simulacro multimodal gerado pela atividade interpretativa icônica. É certo que o caráter inovador da experiência se deve, sem dúvida, aos universos desestabilizadores e alotópicos, muitas vezes criados pelas obras pictóricas, rompendo com nossas experiências perceptivas comuns.

Il n’empêche que les images d’art «réalistes» peuvent quand même faire naître dans l’esprit du regardant des images mentales très particulières, celles-ci étant des produits individuels et intimes. Isto não impede que as imagens de arte “realistas” possam ainda dar origem a imagens mentais muito particulares na mente do espectador, sendo estas produtos individuais e íntimos. Uma pintura de Magritte como *A descoberta do fogo* (1934 ou 1935) não deixará de mergulhar o sujeito perceptivo no assombro. De fato, a visão de uma *tuba* em chamas pode causar uma breve reviravolta no conhecimento enciclopédico “normal”: devido à sua não inflamabilidade inerente, um objeto metálico que não pode pegar fogo. Mas a montagem improvável e incongruente dos elementos da tela se impõe ao olhar, o espectador não pode deixar de lhe dar sentido, de se prestar a qualquer interpretação, eminentemente compulsiva e irreprímível (RASTIER, 1991, p. 212-213). A atribuição de sentido a esta estranha figura icônica, certamente produzida no interior do objecto-signo externo (a tela) pela interação contextual e pelo casamento forçado e paradoxal de entidades habitualmente desarticuladas, repousa na emergência de um acontecimento interno: o sujeito não pode experimentar um conteúdo semântico a não ser através da ocorrência de uma imagem mental concomitante, por mais evanescente que ela seja.

Sem dúvida, essa representação terá um domínio visual no espírito, mas a visão de um fogo vivo pode recriar uma sensação de calor, até mesmo um cheiro de fumaça; e a presença de uma *tuba*, reavivar uma música conhecida, etc. Segundo Lupien (1997: 57), «observar uma obra plástica envolve, portanto, não só o visual, mas o polissensorial porque, mesmo numa atividade que parece ser exclusivamente visual, decodificamos informações dirigidas a nossos receptores imediatos como o tátil-cinestésico e o térmico, etc. Certamente, Magritte não joga, por exemplo, com os significantes da textura para criar um efeito háptico. No entanto, figuras icônicas, conteúdos semióticos – fogo e *tuba* – têm o potencial de evocar sensorialidades mentalizadas (produtos e processos) (HÉBERT, 2021, p. 234-243 [artigo “Sensorialidade”]) – em ocorrência uma “impressão” térmica, uma “emanação” olfativa, a “escuta” de uma peça musical conhecida, etc. Assim, o evento cognitivo associado à interpretação icônica pode ser multimodal – sendo

a hipótese do caráter multimodal da representação mental reconhecida como provável pela psicologia cognitiva: “O espírito humano, de fato, possui a capacidade de processar informações apresentadas em formas e organizações extremamente diversas.” (DENIS, 2003, p. 384)

Até agora, são as representações no formato analógico, em particular visual, e as representações no formato proposicional/abstrato que têm sido as mais exploradas (a este respeito, pensaremos na teoria da dupla codificação de Paivio), mas as formações cognitivas analógicas também podem incluir modalidades não visuais.

6. Descrição do mecanismo

Como descrever o mecanismo de elaboração do simulacro multimodal durante a interpretação de imagens figurativas?

Sem perder de vista o caráter semiótico da experiência – porque ele implica um signo icônico interpretável – e, portanto, a relação entre o nível semiótico (o signo icônico) e o nível representacional, devemos considerar que a semiose da imagem não poderia tomar lugar apenas na imanência interacional dos significados ou das figuras nele presentes, mas, para se atualizar, ela necessita de recursos.

Como mencionado anteriormente, Rastier postula o princípio de que o conteúdo semântico operatório (resultante de interações diferenciais internas ao contexto) *restringe* o conteúdo eidético, ou seja, o simulacro multimodal, tornando essa restrição, como a da semiótica, um fato preponderante na direcionalidade do processo: o sentido viria primeiro na produção semiótica, que então acionaria o imaginário associado, podendo este retornar àquele. No entanto, parece razoável conceber a constituição do conteúdo da imagem e a constituição do conteúdo do simulacro multimodal de forma “consustancial” e hierárquica, e isso, sem anular a distinção de princípio como de fato entre a realidade semiótica do signo e a realidade do evento cognitivo. Para que haja uma atribuição de sentido, uma semiotização das percepções da imagem em figuras reconhecíveis, o intérprete deve recorrer a “materiais” estabilizados na memória de longo prazo, uma espécie de recurso fundador da constituição ao mesmo tempo do sentido semiótico, mas também do simulacro atualizado no presente cognitivo do sujeito. Segundo Denis (1989, p. 11),

[a] imagem, em suma, é vista não como o *lugar* da significação, mas como um instrumento de *figuração* da significação. A imaginação, quando acompanha os processos de compreensão, desenvolve produtos cognitivos opcionais, cuja natureza e estrutura permanecem fundamentalmente distintas daquelas das representações que codificam a *significação* do enunciado.

Para descrever o processo em questão, permita-se aqui explorar, heurísticamente, a distinção entre *simulacro multimodal tipo* e *simulacro multimodal ocorrência*. Com base em Denis (1989, p. 17-18; 2003, p. 383), podemos formular a hipótese de que o simulacro multimodal se apresenta de fato em dois estados.

O simulacro *multimodal tipo* corresponderia a uma entidade cognitiva permanente disponível na memória de longo prazo e atuaria como um modelo virtual, inibido, utilizado para reconhecer e/ou categorizar um objeto. Por exemplo, o simulacro multimodal tipo do humano conteria um conjunto máximo de recursos representativos visuais (por exemplo, altura média), olfativos (por exemplo, o cheiro de um indivíduo comum), auditivos (por exemplo, tom de voz), háptica (por exemplo, suavidade do cabelo), etc. E, possivelmente, características abstratas.

O simulacro *multimodal ocorrência*, por sua vez, corresponderia a uma formação cognitiva transitória que, sob o efeito de elementos ativadores, atualiza total (por defeito) ou parcialmente, os traços sensoriais e/ou não sensoriais (abstratos) do simulacro *multimodal tipo* disponibilizado. Ocorrendo na memória de trabalho, portanto, na consciência imediata do sujeito, o simulacro ocorrência é uma configuração particular do simulacro tipo, que é passível de sofrer variações e transformações, por acréscimo, supressão, substituição ou permutação de traços sensoriais e/ou não sensoriais.

Em perspectiva semelhante, Hébert (2010) estabelece, sem detalhar, uma distinção entre o simulacro multimodal modelo (tipo) e o simulacro multimodal de ocorrência. Retomando o princípio rastieriano da restrição do semiótico sobre o cognitivo, Hébert (2010) lembra que a ocorrência do significado determina a ocorrência do simulacro. Além disso, ele observa, utilmente, que o simulacro multimodal modelo pode servir como um interpretante privilegiado para o conteúdo dos signos icônicos, em particular porque o simulacro típico põe em jogo modalidades visuais (às quais podemos adicionar outras modalidades sensoriais e modalidades não sensoriais) – um interpretante sendo um elemento funcional que é usado na semiose para construir o sentido. Assim, qualificando o que precede, é facilmente concebível que o acontecimento de consciência efetivo que se associa à semiose icônica – ou seja, o simulacro multimodal de ocorrência – é o instrumento, o intermediário, o suporte mental temporário e necessário para a figuração do sentido. Se ele ocorre, é porque as configurações de expressão presentes no signo icônico permitem evocar e recuperar as configurações sensoriais armazenadas na memória de longo prazo, no caso do simulacro multimodal tipo.

O processo retém, desse interpretante, apenas os traços pertinentes que se correspondem em adequação às formas expressivas presentes no contexto do enunciado icônico, mas os traços não incluídos no tipo e despertados pela imagem-objeto podem a ele se juntar. Sob o impulso necessário, mas não suficiente, de um signo, um modelo cognitivo é projetado neste último. Essa projeção passa por transformações do tipo para conduzir, na memória de trabalho, a uma imagem mental transitória e particular – uma simulacro da ocorrência – cuja formação é guiada pela percepção de um acontecimento semiótico. Assim o é com a dialética hierárquica entre as diferentes “entidades” semióticas e cognitivas. Uma pergunta merece ser feita aqui: o simulacro multimodal da ocorrência não seria simplesmente o lado cognitivo da semiose, que seria então, indiscutivelmente, um acontecimento “mentalizado” em sentido amplo?

7. “Substrato” do simulacro multimodal

A título de abertura, podemos abordar, sem esgotá-la, a questão do “substrato” do simulacro multimodal. A escolha do próprio termo *simulacro* permite esclarecer este ponto. Rastier (1991, p. 207) escolheu este termo em homenagem a Epicuro e Lucrecio.

Ora, na teoria do conhecimento de Epicuro, os simulacros imitam os objetos (o percebido), mas não são, completamente, da mesma natureza. No que diz respeito à produção do simulacro multimodal (ocorrência ou tipo), podemos sustentar a hipótese de um processo de *imaginação* (RASTIER, 1989, p. 279) das sensorialidades, quando, por exemplo, passamos da percepção do signo material, do semiótico ao cognitivo. Ao armazenar, na memória, as informações perceptivas, ocorreria uma “*transcodificação*” da “matéria” para o espírito.

Se, como tende a mostrar o trabalho da psicologia cognitiva, a atividade da imagética mental conserva a estrutura e os conteúdos iniciais da atividade da percepção (DENIS, 2003, p. 225) e que uma e outra implementam, plausivelmente, os mesmos mecanismos neuronais (DENIS, 1989, p. 91-96), parece razoável pensar que, na passagem dos signos aos simulacros multimodais, as sensorialidades reais assumem a forma de apresentações modais imaginário-analógicas.

Sem concluir como GROUPE μ (2015) sobre a modalidade de sentido (cognitiva e/ou semiótica), poder-se-ia sugerir uma forma de “dessensorialização” (no sentido restrito) das modalidades reais dentro dos simulacros. Esta é, sem dúvida, a condição essencial para a geração de uma representação imaginária

8. Referências bibliográficas

DENIS, Michel. «Imagerie mentale». In: *Vocabulaire des sciences cognitives*, Olivier Houdé (éd.). Paris: Presses universitaires de France, 2003a, p. 222-225.

DENIS, Michel. «Représentation». In: *Vocabulaire des sciences cognitives*, Olivier Houdé (éd.). Paris: Presses universitaires de France, 2003b, p. 382-384.

DENIS, Michel. *Image et cognition*. Paris: Presses universitaires de France, 1989.

GROUPE μ . *Principiasemiotica. Aux sources du sens*. Bruxelles: Les Impressions nouvelles, 2015.

GROUPE μ . *Traité du signe visuel*. Paris: Seuil, 1992.

HÉBERT, Louis. *Dictionnaire de sémiotique* (version 15.1). 2021, <https://semiotique.org/> (consulté le 6 mai 2021).

HÉBERT, Louis. «Typologie des structures du signe: le signe selon le Groupe μ ». In: *Actes Sémiotiques*, n. 113, 2010, <http://epublications.unilim.fr/revues/as/1761> (consulté le 6 mai 2022).

HÉBERT, Louis. *Introduction à la sémantique des textes*. Paris: Honoré Champion, 2001.

KLINKENBERG, Jean-Marie. *Précis de sémiotique générale*. Paris: Seuil, 1996.

- KURTS-WÖSTE, Lia. «Les formes symboliques artistiques au prisme de la musique : pour une approche trans-sémiotique». In: *Signata*, n. 8, 2017, p. 341-370, <http://journals.openedition.org/signata/1418>(consulté le 6 mai 2022).
- LE NY, Jean-François. «Comment (se) représenter les représentations». In: Les représentations, Stéphane Ehrlich (éd.), *Psychologie française*, n. 30, 1985, p. 231-238.
- LUPIEN, Jocelyne. «La polysensorialité dans les discours symboliques plastiques». In: *Action, passion, cognition d'après A. J. Greimas*, Pierre Ouellet (éd.). Québec/Limoges: Nuit blanche éditeur/Pulim, 1997, p. 247-265.
- MISSIRE, Régis. «Examen du concept d'impression référentielle dans la sémantique interprétative de François Rastier - Du domaine d'objectivité à l'objectivité du domaine». In: *Champs du signe*, n. 12, 2001, p. 145-160. (fac-similé non paginé)
- RASTIER, François. *Faire sens. De la cognition à la culture*. Paris: Classiques Garnier, 2018.
- RASTIER, François. *Saussure au futur*. Paris: Les Belles Lettres & Encre marine, 2015.
- RASTIER, François. *La mesure et le grain. Sémantique de corpus*. Paris: Honoré Champion, 2011.
- RASTIER, François. «Anthropologie linguistique et sémiotique des cultures». In: *Une introduction aux sciences de la culture*, François Rastier et Simon Bouquet (éd.). Paris: Presses universitaires de France, 2002, p. 243-267.
- RASTIER, François. *Sémantique pour l'analyse*. Paris: Masson, 1994.
- RASTIER, François. *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: Presses universitaires de France, 1991.
- RASTIER, François. *Sens et textualité*. Limoges: Lambert-Lucas, 1989 (2^e édition augmentée, 2016).
- SAINT-MARTIN, Fernande. «Structures alternatives de la signification et de la représentation». In: *Action, passion, cognition d'après A. J. Greimas*, Pierre Ouellet (éd.). Québec/Limoges: Nuit blanche éditeur/Pulim, 1997, p. 223-231.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*, Simon Bouquet et Rudolf Engler (éd.). Paris : Gallimard, 2002.
- TRUDEL, Éric. «La conception néosaussurienne du signe et de la sémosis et l'analyse des images». In: *Semiotica*, v. 2020, n. 234, 2020, p. 163-175.